

Jornal Valor – 26 de março de 2008

Prédios reformados também ajudam a reduzir violência

Françoise Terzian

A grande maioria dos empresários que adota uma escola pública brasileira depara-se sempre com um mesmo cenário: prédios deteriorados, sem paredes e sem manutenção, com carteiras quebradas, goteira nas salas de aula, ratos no pátio, pombos circulando em espaços abertos que deveriam ser fechados, poucos profissionais para cuidar da limpeza geral, além da ausência de uma biblioteca e de uma sala de informática. "Quando visito escolas na periferia eu tenho a sensação de estar numa prisão. Por uma questão de segurança, só se passa de um espaço para o outro se você atravessar portões, grades e cadeados", diz Maria Alice Setúbal, diretora-presidente do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec).

Diante desse ambiente feio e assustador, Maria Alice pergunta-se que tipo de estímulo um aluno pode ter para estudar em um lugar assim. É por esse motivo que, em um processo de adoção de uma escola, a melhoria da parte pedagógica costuma ser deixada para uma segunda fase. A primeira - e mais urgente - medida é cuidar da infra-estrutura para dar melhores condições de aprendizado.

Assim que adotou a Escola Francisco Brasiense Fusco, situada no bairro do Campo Limpo (SP) e cercada por três favelas, o Grupo ABC, companhia do publicitário Nizan Guanaes que controla várias agências de publicidade, iniciou uma profunda reformulação em sua infra-estrutura. Todas as salas de aula apresentavam infiltração, o que impedia que as crianças tivessem aula, os corredores viviam cercados por pombos que sujavam a escola, entre outras dificuldades. Depois de 11 meses e R\$ 750 mil investidos, o grupo ABC conseguiu eliminar esses problemas, realizar uma série de reformas internas e externas e construir e ampliar novas áreas.

"Queríamos que a escola tivesse potencial de crescimento, por isso criamos novos espaços para as crianças, como é o caso de um laboratório de informática com 50 computadores com tela de LCD e biblioteca multimídia", diz Luís Roberto Pires Ferreira, diretor de responsabilidade social do grupo ABC.

Para trazer bem-estar aos alunos, a companhia também contratou uma paisagista para criar um jardim no entorno da escola, que ficou conhecida como "escola-parque" e virou um oásis para a comunidade nos finais de semana. Todas essas ações mexeram com a estatística local. A quantidade de classes da escola subiu de 28 para 46; o número de alunos matriculados saltou de 1.210, em 2005, para 1.830 neste ano; e a frequência escolar pulou de 60% para 91%. Os casos de violência e depredação apresentaram uma queda considerável - de 75 registros em 2005 para duas ocorrências no ano passado. "Quando o ambiente melhora, todo o resto melhora por consequência", acredita Ferreira. O grupo também investe no incentivo e na premiação de professores e em outras ações que busquem melhorar o ensino.

A Suzano Papel e Celulose é outro exemplo de empresa que investe em escolas públicas do ensino fundamental do sul da Bahia e do norte do Espírito Santo. Entre 2007 e 2008, seu orçamento definido para bancar investimentos em infra-estrutura, capacitação dos professores e atenção aos alunos (fornecimento,

por exemplo, de uniforme e kit escolar) é de R\$ 6 milhões. Cerca de 40% desse total são destinados à infra-estrutura.

No ano passado, a empresa beneficiou 8,3 mil alunos de 13 escolas dos municípios de Alcobaça, Caravelas, Mucuri, Nova Viçosa, Teixeira de Freitas, Conceição da Barra e Pedro Canário. "Arrumamos o telhado e o banheiro, pintamos as paredes, construímos mais salas de aulas e tudo o que for necessário", conta Luiz Cornacchioni, gerente de relações institucionais da Suzano. Para este ano, a empresa já está ampliando sua ajuda a 30 mil alunos de cerca de 50 escolas. O apoio que a Suzano dá às escolas sempre é feito em parceria com as prefeituras. Essa foi a forma encontrada pela empresa para torná-las co-responsáveis.

Por influência de Marcos Magalhães, ex-presidente da Philips para a América Latina e atual presidente do conselho consultivo da empresa, há cerca de uma década a fabricante de eletrônicos apóia a educação do Estado de Pernambuco. O projeto teve início em 1999, quando Magalhães descobriu que o prédio do CEE Ginásio Pernambucano, onde ele completou o ensino básico, havia sido evacuado, pois corria risco de desabamento.

Magalhães entrou em contato com o então governador do Estado e fez uma proposta para a revitalização do prédio. Em seguida, contatou diversos alunos e professores antigos e reuniu um grupo disposto a investir no Ginásio, dando início à Associação dos Amigos do Ginásio Pernambucano.

A obra de restauração teve início em 2000 e levou cerca de 2,5 anos para ser concluída. Quando estava próxima de acabar, Magalhães convidou alguns empresários para conceber um modelo de ensino para o Ginásio, já que a reforma simplesmente não constituiria uma mudança no sistema de ensino atual. A Philips faz, desde o início, parte do grupo de empresas que constituíram o Instituto de Co-Responsabilidade pela Educação (ICE), grupo responsável por essas mudanças.

A escola é operada em um modelo de co-gestão, no qual o governo responsabiliza-se pelo custeio de manutenção, salários, alimentação e uniformes, enquanto o ICE é responsável por investimentos em instalações, como bibliotecas, laboratórios, salas de informática, entre outros.

O modelo acabou sendo adotado pelo governo do Estado para ser expandido para todas as escolas de nível médio da rede. Já existe até um planejamento de médio prazo para implementação do modelo pela Secretaria Estadual da Educação. Ao olhar para trás, Magalhães costuma dizer que a concretização dessa história foi "um acaso, que virou um caso, que virou uma causa".



Antes e depois: escola Francisco Brasiense Fusco, situada no bairro do Campo Limpo (SP), adotada pelo Grupo ABC



Casos de violência e depredação caíram de 75 registros em 2005 para apenas duas ocorrências no ano passado



Depois de 11 meses e R\$ 750 mil investidos, a empresa conseguiu eliminar problemas como infiltrações e goteiras